

Sarney ameaça agir contra esquerda do PMDB

Antônio Martins

Brasília — O presidente José Sarney comunicou ao presidente do PMDB, da Câmara e da Constituinte, Ulysses Guimarães, que não ficará passivo diante das iniciativas de grupos de esquerda do partido que criam problemas para o governo — em primeiro lugar tentando introduzir no regimento da Constituinte dispositivo que provocaria a eleição do seu sucessor ainda este ano.

Sarney disse a Ulysses que aceita o confronto com esse grupos e exige tomar conhecimento prévio das decisões do PMDB que até aqui vinham sendo apresentadas como fatos consumados.

O tema da reunião de Sarney com Ulysses, sábado, no sítio de São José do Pericumã, foi revelado pelo líder do PFL da Câmara, José Lourenço. Ele foi ao sítio na noite do mesmo dia em companhia do líder do partido no Senado, Carlos Chiareli, e do chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel. Segundo Lourenço, na conversa, que Ulysses chamou de "conversa de namorados", Sarney avisou ao presidente do PMDB que os parlamentares do partido que votarem contra a orientação do Planalto serão considerados de oposição.

— A caneta agora vai funcionar. Ou seja, o governo demitirá os representantes dos políticos que lhe fizerem oposição, como acontece em qualquer regime democrático — advertiu Lourenço, interpretando o aviso de Sarney a Ulysses.

Os três políticos do PFL que jantaram no sítio de Pericumã saíram felizes do encontro e Lourenço esclarecia ontem

que o pragmatismo da conversa não os surpreendeu:

— O presidente Sarney já havia alterado as regras do relacionamento com o PMDB quando, na última quarta-feira, mobilizou os governadores Moreira Franco (RJ), Orestes Quéricia (SP), Newton Cardoso (MG), entre outros, para que promovessem a retirada de suas bancadas do plenário e com isso impedisse a aprovação do regimento com o parágrafo 7º do artigo 57 (projeto de decisão capaz de reduzir o mandato presidencial).

A propósito desse episódio, José Lourenço diz que o deputado Ulysses Guimarães pediu satisfação ao presidente Sarney sobre o pedido que fez aos governadores — contrariando interesses do PMDB —, para retirada do plenário de constituintes em número suficiente para negar quorum à votação. Segundo Lourenço, o presidente Sarney, que é habitualmente muito afetuoso no relacionamento com as pessoas, não mediu palavras para levar Ulysses a entender como devem ser suas relações com o partido de agora em diante:

— Pedi ajuda aos governadores — explicou Sarney a Ulysses — porque você fica deixando aprovar tudo e sabe muito bem que esse dispositivo é contra mim.

O líder Lourenço informou ainda que Sarney tomou a iniciativa de criticar para Ulysses outro dispositivo que consta do substitutivo de Fernando Henrique Cardoso. É o que prevê a participação popular na elaboração da Carta, com apresentação de propostas subscritas por 30 mil pessoas.

De acordo com Lourenço, Ulysses ouviu de Sarney a esse respeito: "O

objetivo desse dispositivo é organizar grupos de pressão para atuar na Constituinte. Fique certo, Ulysses, de que se eles vierem, não ultrapassarão o prédio do Congresso. No outro lado da rua (onde ficam o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal), eu garanto que eles não chegarão para alterar a ordem pública".

O deputado do PFL dá a seguinte interpretação para outra advertência de Sarney: "Aqueles automóveis verdes que atendem pelos nomes de Urutu, Cascavel (tanques de guerra) que protegeram o presidente no trajeto entre o Planalto e a catedral de Brasília, no dia do **badernaço**, vão novamente ser mobilizados para evitar que hordas de bárbaros tentem atrapalhar as atividades do Executivo e o judiciário".

Ainda segundo Lourenço, o presidente Sarney recorreu à história para redefinir e suas relações com o PMDB:

— Eles estão enganados, Ulysses. Estão pensando que vão me transformar no Kerensky (primeiro governante depois da derrubada da monarquia russa). Mas não vão conseguir.

E a essa altura da conversa, conforme relata Lourenço, o presidente Sarney teria manifestado a Ulysses "a decisão de evitar mais um golpe que as esquerdas tentam, não contra o governo, mas contra o país: a revogação das chamadas salvaguardas institucionais (medidas de emergência, estado de emergência e estado de sítio)". Para Lourenço, os autores dessa proposta "estão ingenuamente pensando que, o governo perdendo garantias, eles poderão ir para a rua dar um golpe no presidente Sarney".

Planalto quer mandato definido em dois meses

Brasília — O deputado José Lourenço, líder do PFL, informou que o presidente José Sarney já manifestou a Ulysses Guimarães a pretensão de ver definida a duração de seu mandato antes da viagem que fará à Alemanha, em maio. O presidente vai conversar com governo e bancos credores e entende ser conveniente ter conhecimento prévio a respeito da extensão de seu período de governo.

Segundo Lourenço, Sarney pretende participar ativamente da Constituinte, "como cidadão, presidente e líder político". O líder do PFL garantiu que hoje o presidente tem maioria folgada no Congresso com apoio de 150 parlamentares do PMDB (bancada de 258); 133 do PFL (todos); 30 do PDS (total de 37) e 18 do PTB (todos).

Acordo

Os dirigentes do PFL começam a discutir a possibilidade de ocupar novos espaços na administração federal. O secretário-geral do partido, Saulo Queiroz (MS), e o vice-líder na Câmara, Alcení Guerra (PR), acham necessário ganhar mais um poderoso ministério — o PFL já ocupa cinco — a fim de se preparar para a disputa das eleições municipais de 1988.

No último domingo, José Lourenço fechou um acordo com o líder do PMDB, Luís Henrique, limitando a soberania da Constituinte. Pelo acordo, os projetos de decisão da Constituinte — que o PFL temia ver transformados em atos paralelos de governo — só poderão ser aprovados em plenário "para salvaguardar a Assembléia Nacional Constituinte de medidas que possam ameaçar seus trabalhos e decisões soberanas". Lourenço prevê que o regimento interno seja votado até a próxima quarta-feira.

Ulysses Guimarães telefonou a vários senadores durante o carnaval para evitar que a reunião do Senado prevista para segunda-feira sirva para reativar a discussão sobre o funcionamento da Câmara e do Senado paralelamente ao da Constituinte. Alguns senadores que se articulam para retomar o assunto na reunião — Itamar Franco (PL-MG), Fábio Lucena (PMDB-AM) e Saldanha Derzi (PMDB-MS), entre outros — acham que o fato de o Senado não funcionar tira sua hegemonia sobre a Câmara nas votações ordinárias.

Fotos de André Durão



Jandira Feghalli



Floriano Cinelli

Rio tem quatro "bancadas do eu sozinho"

Dora Tavares de Lima

Representantes únicos de seus partidos na Assembléia Legislativa do Rio, os deputados Jandira Feghalli (PC do B), Floriano Cinelli (PMN), D'Janir Azevedo (PTN) e Antônio Lopes (PDS) repetem na política a inovação introduzida no carnaval carioca pelo jornalista Júlio Silva, criador do **bloco do eu sozinho**, em 1919. Só eles, dos 959 deputados estaduais eleitos nos 23 estados, integram **bancadas do eu sozinho**.

Pelo que os deputados puderam perceber no primeiro mês de mandato, o lema do bloco — "Uma vez sozinho, sempre independente" — jamais poderá ser adotado por nenhum deles. Sem experiência sobre o funcionamento do Legislativo, sem direito nem a serem líderes de si mesmos, instalados nos mais acanhados gabinetes da Assembléia, os solitários deputados já trataram de se engajar em outras bancadas ou atuar em bloco com colegas ideologicamente próximos.

Embora estejam na mesma situação e três deles (Jandira, Floriano e Lopes) sejam médicos, as semelhanças param por aí. Jandira Feghalli é quem mais se distancia dos outros. Foi a deputada estadual mais votada — 100 mil votos —, é de esquerda, tomou posse contestando o regimento interno da Assembléia, não

admite ser tratada como representante de **pequeno partido** e nem pensa em obedecer cegamente às decisões da bancada majoritária do PMDB, partido ao qual se coligou na eleição.

Floriano Cinelli (2 mil 800 votos), D'Janir Azevedo (4 mil 300) e Antônio Lopes (8 mil votos) garantem apoio integral às mensagens de interesse do futuro governador Moreira Franco, e o pedessista Lopes já se articula para participar das reuniões das bancadas do PMDB ou do PFL. Nenhum dos três concorda com a contestação ao regimento interno, nem pretende juntar-se em frentes ou blocos progressistas dos deputados de esquerda.

Aluguel

D'Janir, genro de Antônio Carlos Chebabe, uma das maiores fortunas do Norte Fluminense, ganhou do presidente da Assembléia, Gilberto Rodriguez (PMDB), uma 3ª suplência na Mesa Diretora, a pretexto de ser representante dos pequenos partidos. Foi apoiado por Lopes e Cinelli, mas Jandira não quis conversa quando convidada a assinar sua indicação.

O deputado do PTN, que se define como de centro-direita, não se constrange em admitir que o partido serviu-lhe como legenda de aluguel. Quando percebeu que no PFL não teria legenda, saiu do partido e, a conselho de Francisco

Dornelles, eleito deputado federal pelo PFL, instalou-se no PTN, onde não pretende ficar muito tempo. Transi'a com facilidade também no PMDB e junto com o veterano deputado Alberto Dauaire (PMDB) prepara um **lobby** junto a Moreira para indicar o novo diretor do DER.

Floriano Cinelli, médico pediatra há 36 anos, justifica sua adesão ao PMN por ser um partido "social-democrata, que tem como objetivo melhorar a situação do povo carente". Como Jandira, é um recordista, mas por motivo inverso: é dono do menor número de votos na Assembléia. Sua votação causou-lhe a primeira decepção na política, pois esperava ter o apoio de pelo menos 15 mil eleitores. "Ou fui escandalosamente roubado, ou horrivelmente traído", diz, inconformado com "a ingratidão do povo de Bonsucesso", ao qual, como médico, fez "muita caridade".

O neurologista Antônio Lopes integra sozinho a bancada de um partido que na legislatura anterior tinha 21 deputados. Preocupado com a escassez de votos que a legenda poderia lhe impor na eleição, Lopes saiu à procura de partido menos **pesado** e chegou a bater à porta do PT, onde não foi aceito pelo presidente regional do PT, Wladimir Palmeira, eleito deputado federal.



D'Janir Azevedo



Antônio Lopes